

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PRE -ESCOLA

Luana Argenta Pereira¹, Thais Fernanda de Oliveira²

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a continuidade no processo de alfabetização e letramento quando a criança conclui a pré-escola e ingressa no ensino fundamental, visando qualificar o processo de apropriação da leitura e escrita. Considera-se que é fundamental valorizar o conhecimento que os alunos trazem consigo para então trabalhar os conhecimentos sistematizados e construídos pela humanidade. A escola e os professores não conseguindo compreender tal importância para o processo de alfabetização, muitas vezes, ainda se prendem ao uso inadequado de instrumentos como as cartilhas que, quase sempre não têm significado para a criança. Ressalta-se que não há como se apropriar da leitura e da escrita desconsiderando o letramento. Para isso, o referencial teórico contém ideias de estudiosos desse tema que serviram de base para analisar os dados levantados, por meio de questionários. As perguntas referentes à pesquisa foram respondidas por seis professores que atuam nessa área em estudo, no município de Curitiba/PR. Traz também o olhar reflexivo sobre o ambiente do processo de alfabetização escolar e sala de aula. Observou-se ainda, a existência de muita incoerência entre as falas das professoras sobre o tema, o que leva ao entendimento de termos ainda, muito o que aprender sobre o processo de alfabetização com letramento principalmente na Educação infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Participação, Escola, Educação, Aluno, Letramento, Alfabetização.

ABSTRACT

This research aims to analyze the continuity in the process of literacy and literacy when the child completes the preschool and elementary school, joins the aiming to qualify the process of appropriation of reading and writing. Considers that it is essential to enhance the knowledge that students bring with them to so work the knowledge organized and built by humanity. The school and teachers unable to understand such importance to the process of literacy, many times, even in relation to improper use of tools such as booklets, which almost always have no meaning for the child. It should be noted that there is no way to take ownership of the reading and writing disregarding the literacy. To do this, the theoretical framework contains ideas of scholars of this subject which served as a basis for analyzing the data collected through questionnaires. The research-related questions were answered by six teachers who work in the area under study, in the municipality of Curitiba/PR. also brings the reflective look on the literacy process environment and the classroom. It has been observed yet, the existence of too much inconsistency between the lines of the teachers on the subject, which leads to the understanding of terms, still a lot to learn about the process of with mainly literacy literacy in early childhood education and first year of elementary school.

Key words: Participation, School, Education, Student, Literacy, Literacy.

¹ Fonoaudióloga, Pedagoga, Professora Orientadora no Curso de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo – FAEC / INESUL luanaargenta@hotmail.com

² Aluna de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo – FAEC / INESUL

1. INTRODUÇÃO

O tema relacionado ao processo de alfabetização e letramento da criança quando conclui a pré-escola e ingressa no ensino fundamental, surgiu em algumas discussões realizadas na prática educativa. Tais reflexões levam a pensar que ainda existem muitas dúvidas em relação à implementação do ensino fundamental com a duração de nove anos.

Segundo CORAGGIO (1998), para adequar-se às expectativas dessa nova legislação, as reformas educacionais e curriculares devem caminhar no sentido de preparar crianças e jovens para cidadania. Para tanto, torna-se necessário proporcionar-lhes conhecimentos a fim de que possam participar e usufruir dos bens e serviços da sociedade atual, integrando-se também no processo produtivo que demanda uma mão de obra cada vez mais qualificada. Para melhor nortear a pesquisa formula-se a seguinte questão: existe continuidade no processo de alfabetização e letramento, quando a criança conclui a pré-escola e ingressa no ensino fundamental?

Com base no objetivo geral, “Analisar a continuidade do processo de alfabetização e letramento, quando a criança conclui a pré-escola e ingressa no ensino fundamental”, foram definidos os objetivos específicos: Pesquisar em referências bibliográficas a problemática abordada; Identificar as principais funções sociais da escola; Verificar quais são as expectativas em relação à pré-escola e ao Ensino Fundamental que permeiam as falas dos professores; Identificar por meio dos depoimentos dos professores pesquisados se as atividades desenvolvidas na Pré-Escola estão coerentes com as que são desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental; Verificar se os professores do 1º ano do Ensino Fundamental preocupam-se em realizar o diagnóstico da aprendizagem que seus alunos já possuem. Para compreender o tema de pesquisa foram definidas algumas questões norteadoras: Quais as principais funções sociais da escola? O processo de alfabetizar e letrar devem iniciar na educação infantil? Quais as expectativas, em relação à pré-escola e ao 1º ano Ensino Fundamental, permeiam as falas dos professores? As atividades que os professores afirmam desenvolver na Pré-Escola são coerentes com as do Ensino Fundamental? Os Professores do 1º ano do Ensino Fundamental preocupam-se em conhecer a aprendizagem que seus alunos já possuem em relação à alfabetização com letramento? Quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento do processo de alfabetização?

O estudo foi realizado por meio da aplicação de um questionário com 6 professores, três da Educação Infantil e três do Ensino fundamental, que atuam no município de Curitiba, na Cidade Industrial (CIC). Neste contexto, a pesquisa pode trazer contribuições para melhor

entendimento do processo de alfabetização na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental. Enfatiza as diferentes concepções e implicações no processo de ensino aprendizagem como suporte para prática pedagógica. Primeiramente, apresenta-se o referencial teórico que embasou a análise dos dados pesquisados; O processo de alfabetizar com letramento, seguidos pela descrição da metodologia de pesquisa, análise dos dados coletados e considerações finais destacando os principais resultados alcançados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

ALFABETIZAÇÃO COM LETRAMENTO

Quando a criança deixa o ambiente da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, em muitos casos, há uma ruptura no processo ensino aprendizagem, pois se tem mais que a troca de ambiente. A maneira como este processo é trabalhado influencia diretamente na apropriação do conhecimento. Entende-se que é preciso olhar detalhadamente o espaço educativo, isto é, a sala de aula, considerando que educando possui sua história, seus saberes, sua bagagem de conhecimento e vivências nas quais devem ser valorizadas. Este capítulo descreve resumidamente a raiz histórica da escrita, os métodos de alfabetização mais utilizados e a questão hoje tão discutida sobre a alfabetização e letramento. Destaca-se ainda que o letramento propicia condições para que o educando se aproprie dos conhecimentos científicos tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas também de iniciar a construção de novos conhecimentos, de acordo com sua realidade, dando sequência às séries subsequentes de alfabetização.

A ESCRITA NA SUA ORIGEM

Uma das necessidades primordiais do ser humano é a comunicação. Desde seu surgimento, o homem tem deixado marcas impressas que representam suas vidas, anseios, desejos, medos, lendas, etc. Um bom exemplo é a arte rupestre, que são os desenhos e esculturas que os ancestrais na pré-história deixaram registrados nas cavernas. Esses símbolos, embora simples, caracterizaram suas épocas e devem ser reconhecidos como início de um processo que a cada época, cada geração, cada cultura se modifica e se aprimora mais e mais (JEAN, 2002). De acordo com o autor já citado a escrita acompanha lentamente a evolução do homem. Com o passar dos milênios, a humanidade se desperta para a necessidade de registrar com clareza suas ideias e expressões significativas. Para isso, cada

cultura cria uma simbologia e uma forma de registro própria, sendo que cada código é distinto um do outro.

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA E LEITURA

Saber ler e escrever por muitos anos aqui no Brasil, era o sonho da maioria dos brasileiros, que até então eram excluídos do processo ensino-aprendizagem. Tratava-se de um país praticamente de analfabeto.

Por longos anos foram desenvolvidos programas e projetos que pudessem erradicar do país a marca de analfabeto, pois aprender a ler e a escrever era privilégio de poucos. Surgiram então programas como o MOBRAL, Ciclos de Cultura e outros que tinham como principal objetivo alfabetizar a população brasileira. (ARANHA, 2005).

Hoje, em pleno século XXI, ainda há muito que caminhar e conquistar. Embora o acesso à escola e ao Ensino Fundamental seja um direito garantido em leis nacionais, muitas pessoas passam pela escola e saem sem saber ler e escrever como deveriam, isso tudo por uma série de fatores sócio-culturais e econômicos que interferem diretamente no processo de escolarização.

Não há dúvida quanto à importância da alfabetização com letramento. Sem ler e escrever tudo fica mais difícil, desde a leitura de uma simples receita até à mobilidade social, ou seja, do ir e do vir, tornando-se um tormento para uma pessoa analfabeta. O mercado de trabalho então é outra aflição. Sem saber ler ou escrever os sujeitos estão no mundo, mas ao mesmo tempo, estão à mercê do mesmo porque se tornam excluídos ou são privados de viver plenamente sua cidadania.

Atualmente as sociedades estão centradas cada vez mais na escrita. Contudo o simples saber codificar e decodificar as palavras, por meio do código linguístico, isto é, ser apenas alfabetizado sem letramento, tem-se constituído condição insuficiente para responder com autonomia e consciência às exigências e necessidades do mundo contemporâneo.

De acordo com SANTA CATARINA (2005, p.23) para o indivíduo exercer sua cidadania, “é necessário ir além da simples apropriação do código escrito; é preciso exercer as práticas sociais da leitura e escrita demandadas nas diferentes esferas da sociedade”.

Desta forma entra em jogo a questão do letramento. Não que seja algo novo, nem tampouco é um tipo de método. É uma palavra que dá novo sentido ao processo alfabetizador. Por isso, é emergencial estudar e compreender seus significados, pois até então era um conceito fenômeno pouco discutido.

Na procura da solução para as dificuldades no processo de alfabetização, muitos educadores começam a defender a importância do letramento como ponto-chave no processo de apropriação da leitura e da escrita. Há um entendimento geral de que letramento refere-se à prática social da leitura e da escrita e junta-se ao conceito de alfabetização, no sentido de se dar conta não apenas da dimensão do processo de apropriação do código da escrita, mas de suas consequências na vida social dos indivíduos. (SANTA CATARINA, 2005).

Ainda na Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) pode-se verificar que a difusão e o emprego do termo letramento passaram a ter relevância no meio educacional, a partir da década de 1980. Trata-se de um processo em que se deve permear as ações pedagógicas da reorganização do ensino, a reformulação e ressignificação dos novos modos de ensinar, que ganhou espaço e credibilidade no discurso de teóricos, de especialistas e de professores alfabetizadores.

É necessário superar o sentido restrito de alfabetização concebido como um simples processo de apropriação do sistema de escrita para que o indivíduo seja letrado. Isso, quando se faz uma distinção entre alfabetização e letramento como explica Soares (2003, apud SANTA CATARINA, 2005), escrevendo que: a alfabetização em sentido restrito refere-se apenas a aquisição do alfabeto escrito, sua estruturação para ler e escrever, enquanto que o letramento refere-se ao processo de inclusão e participação na cultura escrita, envolvendo o uso da língua em situações reais da sociedade que nos envolve. Ou seja, constitui conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades indispensáveis para o uso da língua em práticas sociais que requerem habilidades mais complexas.

O objetivo central desse processo não está voltado somente para garantir a inclusão do sujeito letrado no processo escolar, mas reconhecer que um indivíduo não letrado possui maior possibilidade de ser mais um excluído da sociedade em que vive. (SOARES, 2004)

A autora ainda destaca que a leitura é um dos principais instrumentos de comunicação e interação social, e por isso afirma que não se trata de garantir ao sujeito letrado a inclusão social, mas considerar que a falta de letramento determina a sua exclusão.

Segundo FERREIRO (1999, p.44-7) é preciso compreender bem o que significa alfabetizar e letrar, pois implica no domínio de algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial como: restituir à língua escrita seu caráter de objeto social; (inclusive na pré-escola), pois todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível desde que lhes sejam oportunizadas situações desafiadoras em que possam interagir com a língua escrita, nos mais variados contextos. Dessa forma, permite-se o acesso,

o quanto antes possível à escrita do próprio nome, sem supervalorizar a criança, supondo que irá compreender de imediato a relação entre a escrita e a linguagem.

Este mesmo autor afirma que todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e desconhecimento mais difíceis de se modificar. Contudo, mesmo entre os grupos de crianças sabe-se que

há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

Pode-se dizer então que a compreensão e concretização do processo de alfabetização vai muito além dos métodos de ensino. Muitos fatores determinam uma compreensão maior ou menor da língua escrita como sistema. Por isso, a maioria das crianças, conforme a idade, já chegam à escola com suas hipóteses de escrita, com movimento em direção às características da escrita, vistas nos textos socialmente significativos. Por exemplo, a criança reconhece rótulos de produtos por ela consumidos, levando-as a construírem por si próprias, estratégias e hipóteses cada vez mais relevantes para a elaboração de leitura e escrita.

As concepções e imagens que as crianças vão formando dos vários tipos de textos, de suas partes, de suas organizações espaciais no papel e de suas características discursivas, exercem um papel fundamental na escrita de seus próprios textos.

É interessante perceber a criança buscando e descobrindo diversas maneiras de representar sua escrita. As estratégias utilizadas por ela vão sendo desenhando de acordo com a transformação em que se operam tanto no seu aprendizado como no objeto em que se está aprendendo.

Conforme comenta FERREIRO (1996), a linguagem escrita, por razões históricas, transformou-se em um objeto de propriedade da escola, instituição responsável pela transmissão dos conhecimentos às novas gerações. Por isso, necessitam superar urgentemente a metodologia de alfabetização, evitando tratá-la como simples atividade que tem fim em si mesma, destituída de suas significações e das funções que justificam a leitura e escrita como objetos sócio culturais.

Na abordagem sócio interacionista, o processo de aprendizagem é entendido como apropriação e reelaboração do conhecimento historicamente construído. Nessa visão, aluno e professor devem apropriar-se daquilo que é patrimônio coletivo da humanidade e, a partir daí,

na interação entre as demais pessoas e de acordo com o momento histórico em que vivem, seguem (re)elaborando e (re) construindo novos conhecimentos. (VIGOTSKY, 1989).

Com estes pressupostos, o autor defende a ideia de que a participação do professor é importante para a aprendizagem da língua escrita, pois implica, no domínio e desenvolvimento de funções mentais superiores, tais como a memória, a atenção, a percepção e a própria linguagem. (VIGOTSKY, 1989).

Este autor destaca também, a importância do papel do professor, que além de mediador do conhecimento, é aquele que planeja, organiza e propõe desafios aos alunos de modo que estes se apropriem significativamente do conhecimento. Por esta razão, a linguagem deve ser praticada por meio de atividade em que participam alunos e professores. Esta prática deve ser utilizada pelos professores, pois a apropriação da linguagem escrita e falada não podem ficar restrita a exercícios repetitivos.

Segundo MONTE (2004), nesse processo de alfabetização e letramento, alunos e professores são parceiros, já que ambos precisam desenvolver ações coordenadas e compatíveis com o processo, para assim alcançarem resultados produtivos. Essa é uma peculiaridade da atividade educativa: o aluno não deve ser tomado como objeto passivo, inanimado, a ser transformado pela ação de alguém. Ele é sujeito dotado de personalidade, portanto, de consciência de si, de afetividade, de vontade e necessidade que se desenvolve em condições concretas e sociais devida. Nesse sentido, o aluno é um sujeito ativo, podendo se tornar capaz de assumir, juntamente com o professor a direção de sua própria aprendizagem.

Nessa perspectiva, a proposta Curricular de SANTA CATARINA (2005), enfatiza que a apropriação da língua escrita requer interações específicas que acontecem, normalmente, por meio da escolarização indispensável e fundamental ao cidadão.

Um dos desafios que se coloca hoje aos professores é trabalhar na perspectiva da alfabetização e do letramento, de forma a assegurar uma ação pedagógica coerente e adequada à contemporaneidade. Isso possibilitará ao aluno a apropriação do sistema linguístico e a plena condição de uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita e das diferentes linguagens produzidas culturalmente.

A criança, ao ter contato com as diferentes linguagens e ao compreendê-las e utilizá-las, apropria-se dos recursos de textualidade que lhe permitem expressar-se com maior clareza e criatividade. A mediação pelas diferentes linguagens na e pela escola possibilitará o aprendizado de leituras mais críticas e das mais variadas possibilidades de organização textual.

É preciso considerar que cada texto que circula socialmente, tem suas especificidades e atende aos objetivos propostos para o uso a que se destina. Diferentes objetivos no uso da linguagem exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, requer uma modalidade diferente de leitura (REGO, 1999).

Há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária àquele momento; outros precisam ser lidos exaustivamente quando se deseja compreender e apreender um determinado conhecimento; e outros se recorrem várias vezes na busca de informações adicionais do cotidiano. Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão de quem lê, ora voltando atrás no texto, ora acrescentando informações, para a certificação do entendimento e aprofundamento de conceitos, e, em outras situações, tem-se a leitura pelo prazer de ler (REGO, 1999).

Quando se lê, segundo ORLANDI (2003, p. 11), “considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas”.

Assim, quanto maior a interação do aluno com a diversidade cultural, maior será suas possibilidades de conhecimento para a leitura do mundo. Nesse sentido, pensar a alfabetização numa perspectiva de letramento significa experienciar situações que envolvam as diferentes concepções de leitura e escrita de forma crítica e dialógica, sendo os professores os mediadores e concretizadores dessa proposta. O papel do professor é o de condutor do processo, de mediador atuando na zona de desenvolvimento proximal. Sua intervenção é direta, pois deve ajudar a criança a avançar.

O professor acompanha cada aluno para auxiliá-lo na superação das dificuldades. E quando se trabalha diretamente com o conceito de desenvolvimento proximal, é o professor que precisa conhecer o desenvolvimento real da criança, mas não pode parar por aí. É pelo auxílio direto, com explicações, pistas e sugestões, que o aluno avança, consolidando o desenvolvimento que era apenas potencial. (REGO, 1999).

Ainda com base nos desafios pedagógicos reservados principalmente ao professor, no processo de alfabetizar letrando, ressalta-se o respeito à heterogeneidade, às diferenças e necessidades individuais dos alunos e a consideração do erro, na elaboração da escrita, como inerente ao processo de construção textual.

Para SOARES (2004, p. 12) é imprescindível alfabetizar letrando, pois ambos se complementam

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua

escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Assim sendo, registra-se que o processo de alfabetização é a base de todo o processo ensino-aprendizagem.

Fica a certeza de que o processo de alfabetização vai muito além de decodificar símbolos, signos. Ele envolve a história de vida, a história social, a visão de mundo. Alfabetizar tem, pois um sentido muito maior que deve ser levado em conta para então superar a fragmentação, a decoreba e tornar-se na escola um oásis de saber.

A alfabetização, portanto, é elemento essencial do letramento, pois orienta o indivíduo para apropriar-se do código escrito sem o qual seria impossível aprender a ler e escrever e ao mesmo tempo conviver e participar de práticas reais de leitura e escrita. Nesse sentido, “[...] letramento é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 1998 apud SANTA CATARINA, 2005. p. 24).

A alfabetização e letramento são inseparáveis e indispensáveis na apropriação das diferentes linguagens e na inserção do indivíduo na cultura escrita. Sabe-se que não se trata de uma tarefa fácil de concretizar esses processos no cotidiano em sala de aula, mas segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p.39), mesmo sendo “uma tarefa difícil, esta atividade deve ser exercitada, vivenciada na sala de aula pelo potencial que oferece na dinâmica de apropriação da língua escrita”.

Por conseguinte, embora esses processos sejam interdependentes, indissociáveis e simultâneos, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicas, exigem formas de aprendizagem e procedimentos de ensino diferenciados. Por isso, torna-se necessário refletir um pouco sobre os métodos de alfabetização mais conhecidos e suas principais consequências na vida social dos indivíduos alfabetizados.

A ALFABETIZAÇÃO E OS MÉTODOS TRADICIONAIS

No chamado modelo tradicional, a escrita é entendida como simples representação da linguagem oral, ou seja, como mera codificação da fala. Daí o processo de alfabetização

escolar ficar reduzido ao ensino do código alfabético, centrado na mecânica da leitura e da escrita.

Por isso, a alfabetização dos alunos nos métodos tradicionais, geralmente ocorre por meio de cartilhas, em que os alunos aprendem primeiramente as vogais e em seguida as letras do alfabeto com suas respectivas famílias silábicas. As frases e textos são constituídos somente por palavras já conhecidas. Em seguida passa-se à combinação das vogais com uma das consoantes. Se a consoante for B, por exemplo, primeiro ensina-se a forma da letra; a seguir as sílabas formadas por essa consoante junto com as vogais formando: BA BE BI BO BU. A partir daí segue-se a formação por combinação dessas sílabas e, quando há outras já aprendidas anteriormente, estas também são incluídas, até que se esgotem todas as "famílias silábicas" e suas combinações. Esse método contraria as ideias de Goulart (2003, p.106) quando escreve que:

alfabetizar é menos impor modelos que permitir que o sujeito desenvolva sua forma de captar o simbólico social nos textos (e aí está incluído o sistema de escrita), a partir de sua subjetividade, com a sua marca, a sua assinatura. A construção da identidade individual no processo de produção de textos parece estar fundada na construção da identidade social.

Fundamentados nessa visão tradicional, os métodos podem ser sintéticos ou analíticos. Tanto o sintético quanto o analítico, partem do pressuposto de que a criança nada sabe a respeito da língua quando inicia o processo de alfabetização na escola regular. Os processos sintéticos partem de elementos menores que a palavra, podendo ser os fonemas, letras e sílabas. Assim a alfabetização se inicia fazendo correspondências entre sons e letras, entre a linguagem oral e a escrita. De acordo com KATO (1984) os processos analíticos se preocupam com a coerência do que vai ser lido ou escrito, restringem-se à cartilha e não propiciam o uso social da língua escrita. Percebe-se assim que tanto o método analítico quanto o sintético não permitem a exploração, a escrita de novidades, o uso de palavras que ainda não foram aprendidas em sala de aula, impedindo, por exemplo, que o alfabetizando explore e se aproprie do objeto conceitual que é a língua escrita. Do ponto de vista escolar, o método analítico se diferencia do sintético no sentido de que o educando vai além da decoreba das famílias silábicas, e se alfabetiza a partir de frases de efeitos ou já com algum sentido, a criança decorava frases que o educador selecionava por achar interessante, ou aquilo que as cartilhas traziam, frases como do tipo: "EVA VIU A UVA", ou ainda, "A LARANJA É AMARELA" e assim por diante. O importante é ressaltar, que as frases prontas, muitas vezes não faziam sentido, pois não eram do conhecimento ou da vivência dos estudantes. Por isso, do

ponto de vista conceitual, seu desenvolvimento é restrito, pois a aprendizagem é descontextualizada, centrada em situações artificiais, dificultando ao aluno o raciocínio e a transferência de seus conhecimentos para outros contextos, ou seja, a sua generalização para a vida. As atividades propostas tanto pelo método analítico como pelo sintético, não dão oportunidades para as crianças criarem e testarem suas hipóteses infantis em relação ao mundo da escrita e da leitura a ser descoberto, explorado e internalizado. Os textos são elaborados aleatoriamente pelo professor ou retirados das cartilhas que, privilegiam o domínio do sistema gráfico. Vale dizer, que as cartilhas têm como único objetivo colocar em evidência a estrutura da língua escrita tal como é concebida por esses métodos de alfabetização. Verifica-se que ao trabalhar com a cartilha, a criança é levada a desenvolver a ideia de que, ao escrever e ao fazer por meio de frases soltas, desarticuladas.

Segundo FERREIRO (1996, p. 24) “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”

3. METODOLOGIA

Será descrito a seguir o método que foi utilizado na pesquisa, ou seja, a maneira utilizada para obter o conhecimento científico, pois segundo DEMO (1995, p. 11), conceitua metodologia como

estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer à ciência. É uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa. Ao mesmo tempo em que visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente, no sentido de indagar os limites da ciência, seja com referência à capacidade de conhecer, seja como referência à capacidade de intervir na realidade.

A pesquisa é então de fundamental importância na comprovação de ideias provenientes de um processo investigativo. Especificamente nesse artigo, para responder a problemática abordada e atender a temática em estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com materiais já publicados referentes ao tema escolhido, constituindo o referencial teórico que permitiu embasar a análise dos dados coletados por meio da aplicação de um questionário. Para isso, foram pesquisados documentos, literatura, e outros similares que tratam da temática abordada, possibilitando à luz dos vários teóricos, a ação da

reflexão. Nesse artigo, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que é compreendida como aquela que dá maior profundidade e reflexão sobre a temática investigada.

Dessa forma a abordagem qualitativa foi muito importante no aprofundamento das questões relacionadas à temática abordada, ou seja: A continuidade no processo de alfabetização e letramento da pré-escola ao ensino fundamental, principalmente, no período em que a criança conclui a pré-escola e ingressa no 1º ano do ensino fundamental. Para a construção e desenvolvimento desta pesquisa, fez-se o levantamento dos dados junto à Rede de Ensino, no município de Curitiba/PR. A escolha ocorreu em decorrência do local onde estavam situadas estas escolas, centro de Curitiba, e por receberem um número significativo de clientela desse município. A população submetida à pesquisa foi composta por professoras de Alfabetização da educação infantil e do primeiro ano do ensino fundamental no CIC/PR, e foi realizada em um período de 15 dias, considerando a data em que ocorrera o primeiro encontro com a finalidade de explicar o motivo do artigo e, o tempo necessário para que pudessem entregar o questionário respondido de forma escrita.

O procedimento da coleta de dados foi por meio de um questionário e o local da realização da pesquisa foi o próprio espaço educativo. A análise dos dados encontra-se a seguir, feita a partir da interpretação das falas das professoras pesquisadas.

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO

Idade: Sexo:

Formação:

Segundo grau - Curso

Graduação incompleta – Curso

Graduação completa – Curso

Pós graduação - Curso

Quanto tempo leciona:

De um a dois anos. De cinco a dez anos

De dois a cinco anos mais de dez anos

1. O que você entende por processo de alfabetização?

2. Descreva sua compreensão sobre letramento?

3. Quais as maiores dificuldades que você, enquanto educadora, encontra ao alfabetizar?

Os alunos são muito indisciplinados.

- Os alunos não conseguem escrever, são lentos.
- Os alunos escrevem, mas não lêem.
- Os alunos não se interessam pelo processo ensino aprendizagem.

Outras: Quais?

4. Qual a maior dificuldade dentro do índice de reprovação que mais está presente no contexto escolar do educando?

5. Qual a concepção teórica que dá suporte a sua prática educativa?

- Concepção Inatista
- Ambientalista
- Construtivista
- Histórico cultural.

Justifique sua Opção

6. Como são os pais de seus alunos?

- Os pais de seu alunos são participantes
- Vem à escola saber como está o processo de alfabetização dos filhos.
- Ajudam os filhos em casa.
- Não participam.

7. Você acha importante a avaliação no processo de alfabetização e letramento das crianças?
Por quê?

8. Quanto a avaliação como se dá e quais métodos utilizados?

- Avalia em todos os momentos, é processual.
- Por meio de provas, a avaliação é um fim em si mesma.
- Por trabalhos e provas, é processual.
- Outros – Quais?

9. Os alunos que chegam da Pré escola para o Ensino Fundamental possuem o nível de aprendizagem que você espera como professora do 1º ano?

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

O desafio lançado hoje no interior das escolas passa fundamentalmente pela mudança da práxis educativa, pela forma de planejar, interagir e agir nos espaços educativos. O primeiro passo é a leitura do contexto, e o olhar sobre a realidade dos educandos, suas necessidades e possibilidades de se posicionar e intervir no mundo. Sem conhecer esta

realidade não há como alfabetizar, não há como trabalhar numa perspectiva. Por isso, nessa pesquisa foram levantados alguns dados juntos aos professores que atuam com os processos de alfabetização e letramento, tendo em vista o que pensam e de que forma dão continuidade a esses processos, junto às crianças que saem da educação infantil e ingressam no primeiro ano do ensino fundamental aos seis anos de idade. Os educadores entrevistados são todos do sexo feminino, em idade entre 25 e 40 anos que passarão a ser identificadas como Professoras E1, E2 e E3 as que atuam no último ano da Educação Infantil. Já as profissionais que trabalham no primeiro ano do Ensino fundamental serão reconhecidas como professoras F1, F2 e F3. Pode ser analisado a qualificação profissional e o tempo de atuação no magistério de cada uma dessas professoras envolvidas. Apenas duas delas atuam há mais de dez anos, enquanto que as demais variam entre 2 a 5 anos. A maioria possui o curso de graduação em pedagogia, sendo que apenas duas não, são Pós-Graduadas.

Os professores, de modo geral, têm se preocupado, nos últimos anos, com as possíveis implicações que a entrada de crianças de seis anos na escola fundamental traz para a organização dos processos de ensino da leitura e da escrita. Muitos se perguntam: que competência, conceitos e habilidades devem ser desenvolvidas nesse primeiro ano de escolaridade? É certo ou não alfabetizar as crianças de seis anos? Para responder a essas e outras dúvidas é importante ter claro o que de fato se entende por processo de alfabetização. Nesse sentido procurou-se saber o que pensam as seis educadoras entrevistadas sobre esta questão, ou seja, o que elas entendem por alfabetização e letramento. Observou-se que, de maneira geral, elas ainda fazem uma confusão entre esses dois conceitos. Por exemplo: A professora E2 afirma que alfabetização “é o ato de ensinar o estudante a ler e escrever, enquanto que letramento “é a decodificação das palavras”. Nessa mesma linha de pensamento a professora F1 entende ser a alfabetização “um processo de reconhecimento do código alfabético e o seu uso social como meio de interação, enquanto que letramento, “é o reconhecimento do aluno da escrita como função social”. Além de confundirem a conceituação desses processos, essas respostas apresentam expressões muito vagas como “ensinar a ler e escrever” e “função social”. Caberiam aqui algumas indagações: o que é ler e escrever para esta professora? Decodificar códigos apenas? De que forma a professora F1 conceituaria a expressão “função social” empregada na definição dos dois conceitos? É claro que aprender a ler e escrever são elementos essenciais do processo de alfabetização, mas não basta reconhecê-los como um fim em si mesmo, sem reconhecer a insuficiência desta concepção de alfabetização, entendida apenas como a aprendizagem mecânica de ler e escrever.

Neste sentido, alfabetizar é muito mais que dar aulas, é mais do que repassar conteúdos, é mais do que estar ali para atender as exigências legais do mundo escolarizado, é sim querer atuar neste espaço de forma interativa, mediatizada pela história, cultura e sociedade, é construir uma escola mais inclusiva, mais humana e solidária e querer estar no mundo e nele fazer história. No chamado modelo tradicional, a escrita é entendida como simples representação da linguagem oral, ou seja, como mera codificação da fala. Daí o processo de alfabetização escolar ficar reduzido ao ensino do código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita. Geralmente estes métodos são ainda utilizados pela escola, pois de modo geral facilitam o trabalho do professor em sala de aula, por isso perguntamos às professoras pesquisadas; se nessa nova visão de alfabetizar e letrar elas encontram algum tipo de dificuldades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta pesquisa fica claro quão difícil é o processo de alfabetização, principalmente quando se trata da compreensão do mesmo e seu desenvolvimento na educação infantil e no ensino fundamental. Há muita contradição por parte dos sujeitos envolvidos nesse processo, especialmente por parte das professoras pesquisadas.

Sugere-se que alguns professores repensem sua práxis, seu papel, suas metodologias e se coloquem enquanto ator do processo juntamente com seus alunos.

É preciso investir num desenvolvimento interativo, criativo e lúdico, incluindo a habilidade de aprender a ouvir opiniões diferentes e a contra-argumentar, estabelecendo comparações objetivas entre textos diferentes e as diversas maneiras de utilizar a escrita socialmente. É necessário também favorecer a troca de experiências, tendo em vista o desenvolvimento de valores como cooperação e reciprocidade.

Lembra-se aqui, que o objetivo desta pesquisa foi compreender se existe uma continuidade no processo de alfabetização e letramento quando a criança conclui a pré-escola e ingressa no 1º ano do ensino fundamental e se constatou que existem algumas dificuldades ainda. No entanto, já há indícios que demonstram mudanças nesse processo, tais mudanças mais positivas do que negativas, segundo as falas da professoras pesquisadas. Porém essa continuidade no processo de alfabetização e letramento necessita ser melhor compreendida, pois a maioria das professoras envolvidas na pesquisa, afirma que suas práticas estão embasadas na concepção histórico-cultural, no entanto, em outros momentos do questionário

usam expressões que contradizem essa afirmação. A questão que se levanta é: de que maneira elas operacionalizam esse processo nas aulas? Isso demandaria aprofundar mais a pesquisa, visando a uma compreensão muito maior desse tema tão relevante na vida escolar das crianças.

Defende-se a opinião de que é preciso proporcionar à criança a oportunidade de expor suas ideias, enfatizando o processo dialógico, e a partir desta interação, compreenda-se o funcionamento social da linguagem e da escrita. É necessário, ainda, reconhecer que na relação com o meio e com o lúdico, de forma especial, as crianças possuem muitas formas de internalizar os conhecimentos necessários.

Fica o convite aos profissionais da educação, especialmente os que trabalham com a alfabetização, a buscarem aperfeiçoamento nessa área tão complexa, mas rica em sentido e significado para a educação.

6. REFERÊNCIAS

ALTINO. José Martins Filho. Criança pede respeito: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.

ARANHA. Maria Lucia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo: Editora Moderna, 2008.

ÀRIES, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BARRETTO. Elba Siqueira de Sá. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. Educação. Pesquisa. v.30, n.1, São Paulo: jan./abr. 2004.

BEUREN. Ilse Maria. Como elaborar trabalhos monográficos: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas. 2004

KATO, Mary. Aquisição da escrita e métodos de alfabetização. São Paulo: Revista: Nova Escola, 1984.

TRINDADE. Ana Paula Pires. O processo histórico da escrita e sua importância na formação do sujeito. Disponível em http://www.planetaeducacao.com.br/novo/gepi/processo_historico_da_escrita.pdf. Acesso em 22/04/2013.